

CORPO SEM ÓRGÃOS: ARTE COMO INSTRUMENTO DE CONSTRUÇÃO DO SUJEITO INTELECTUAL NA PUC-RIO

Aluna: Ana Clara de Amorim Inocêncio

Orientadores: Margarida de Souza Neves, Clóvis Gorgônio e Eduardo Gonçalves

1.0 - Introdução

Quando ingressei no Núcleo de Memória da PUC-Rio em fevereiro de 2020, me deparei com muitas possíveis temáticas para o desenvolvimento deste trabalho a partir da leitura de apresentações de PIBICs de bolsistas anteriores e conversas com meus orientadores: Margarida de Souza Neves, Clóvis Gorgônio e Eduardo Gonçalves. Comecei a refletir de forma mais concreta sobre o que eu gostaria de pesquisar e encontrei em meu curso de graduação - Artes Cênicas - o conceito de Corpo Sem Órgãos, desenvolvido pelo artista do século XX, Antonin Artaud, que remete à atribuição de novos significados do que a arte pode ser a partir de uma reinvenção em uma perspectiva anatômica. Ao estudar o conceito, a princípio sem a ideia de trazê-lo para este trabalho, me dei conta de certas semelhanças entre as proposições de Artaud, de um constante processo de transformação a partir do Corpo sem Órgãos, e algumas leituras acerca do desenvolvimento da PUC-Rio que havia feito previamente, o que me instigou a prosseguir com este tema para a produção de meu trabalho.

Começar esse projeto de forma que ele fosse capaz de me representar e ao mesmo tempo fosse capaz de abarcar a PUC-Rio e seus 80 anos de história representou para mim um enorme desafio. Encarar a folha de papel em branco nesse princípio de minha jornada de iniciação científica para a formação deste meu primeiro trabalho, se mostrou ao mesmo tempo assustador e animador.

Nesta primeira etapa de minha pesquisa, busco compreender o conceito de Corpo sem Órgãos e sua capacidade de operar na sociedade e no contexto universitário da PUC-Rio na perspectiva da educação através da arte. As instituições de ensino, por serem ambientes que fazem parte do processo de formação do sujeito, são meios de interesse para a constituição de uma sociedade ideal. Por isso, na década de 1930, a educação se tornou palco de debates políticos e ideológicos em busca do que seria necessário mudar e qual seria o direcionamento das mudanças para a construção dessa sociedade. Ao mergulhar na temática, passei a examinar as circunstâncias na qual a Universidade Católica foi fundada a partir das perspectivas de pe. Leonel Franca S.J., primeiro reitor das Faculdades Católicas, e a sua dialética com as correntes de pensamento da Escola Nova que se contrapunham às ideias da Igreja Católica. Ao longo do desenvolvimento deste trabalho me senti conduzida a analisar a PUC-Rio de forma diacrônica, realizando um paralelo entre as Faculdades Católicas da década de 1940 e como ela se apresenta atualmente, em 2020, através de minhas experiências e dos pensamentos de pe. Josafá Carlos Siqueira S.J., atual reitor da PUC-Rio, em uma tentativa de compreender a formação do pensamento crítico a partir da ressignificação das certezas proposta pelo Corpo sem Órgãos.

O presente trabalho de Pesquisa em Iniciação Científica foi realizado por mim, Ana Clara de Amorim Inocêncio, graduanda de Artes Cênicas da PUC-Rio e bolsista de Iniciação Científica do Núcleo de Memória da PUC-Rio. O Núcleo é vinculado à Vice-Reitoria para Assuntos Acadêmicos (VRAC) e é coordenado pela professora Margarida de Souza Neves e pela pesquisadora Silvia Ilg Byington. Também conta com os pesquisadores Clóvis Gorgônio e Eduardo Gonçalves, com a colaboração do professor Weiler Finamore (Departamento de Comunicação), o fotógrafo Antônio Albuquerque, e atualmente, além de mim, com mais

quatro bolsistas de Iniciação Científica: Edson de Souza, Eric Damião Duarte, Raylla Aquino e Juliana Capossoli.

Este relatório lista as atividades realizadas por mim no período de fevereiro de 2020, quando ingressei no Núcleo, a julho de 2020, dividindo-se em duas partes:

- Relatório Técnico: um resumo das atividades realizadas coletivamente e individualmente;
- Relatório Substantivo: o texto que consolida o meu trabalho individual de pesquisa.

2.0 - Relatório Técnico

2.1. - Atividades em Equipe

No período compreendido neste relatório, o Núcleo de Memória realizou atividades presenciais e a partir de março de 2020, por conta da pandemia de COVID-19, as atividades passaram a ser remotas, com encontros através da plataforma Zoom e trocas de mensagens e e-mails.

- Reuniões semanais com a participação de toda a equipe: coordenadores, pesquisadores e bolsistas; tendo como principais atividades elaborar projetos, sistematizar a agenda de tarefas, trocar experiências, discutir textos como "Na Caverna de Platão" escrito pela escritora norte-americana Susan Sontag e "Memória, Identidade e Projeto" escrito pelo antropólogo brasileiro Gilberto Velho;

- Propostas para a comemoração dos 80 anos da PUC-Rio, algumas interrompidas por conta da pandemia;

- **04/02/2020** - Reunião entre Ana Amorim, profa. Margarida, Eduardo e Clovis com Ana Ribeiro e Mônica da Divisão de Bibliotecas e Documentação para tratar da exposição comemorativa dos 80 anos da PUC-Rio a ser realizada pela DBD conjuntamente com o Núcleo de Memória da PUC-Rio;

- **17/02/2020** - Apresentação sobre a visita da profa. Margarida à exposição "Esqueleto - 70 anos de UERJ" que ficou em cartaz até o dia 16 de fevereiro no Paço Imperial. Ela apresentou para toda equipe as suas observações e interpretações a respeito da exposição;

- **04/03/2020** - Passeio pelo *campus* Gávea da PUC-Rio ministrado pelo pesquisador Clóvis Gorgônio para bolsistas Ana Amorim e Edson de Souza;

- **06/03/2020** - Laboratório de introdução a metadados ministrado pelo pesquisador Clóvis Gorgônio para os bolsistas Ana Clara de Amorim Inocência e Edson de Souza;

- **09/03/2020** - Apresentação de vídeos sobre o NEAM/PUC-Rio (Núcleo de Estudos e Ação sobre o Menor) com imagens de crianças na PUC-Rio e alguns depoimentos como de dom Helder Câmara, José Pelúcio (presidente da Fundação Padre Leonel Franca), de Marina Lemette (diretora do NEAM) e de ex-alunos do NEAM;

- **24/03/2020** - Oficina para uso do aplicativo Zoom onde Margarida, Clóvis e Eduardo reuniram-se virtualmente com os bolsistas do Núcleo para treiná-los e capacitá-los para uso da ferramenta Zoom, indicada pela PUC-Rio para realização de aulas e reuniões *on-line*;

- Realização de seminários teóricos internos com a participação da equipe para a discussão de textos sobre o conceito de Memória:

- **06/04/2020** - Seminário ministrado pela professora Margarida de Souza Neves acerca do texto "Na Caverna de Platão" de Susan Sontag;

- **27/04/2020** - Seminário ministrado pela professora Margarida de Souza Neves acerca do texto "Memória, Identidade e Projeto" de Gilberto Velho.

- **18/05/2020** - Debate e análise do folder da Coleção Lugares de Memória elaborado pela designer Cristina da Sense Design;

- Apresentações periódicas dos relatórios e resumos de PIBIC dos bolsistas;

- 18/06/2020 – Seminário sobre a ferramenta de revisão do Microsoft Word.

2.2 - Atividades Individuais

- Leitura dos textos de PIBICs de bolsistas anteriores no site do Núcleo de Memória;
- Leitura dos livros "Igreja do Sagrado Coração de Jesus: Fé, Arte, Memória", "Crônicas de memória: publicadas pelo Núcleo de Memória no Jornal da PUC" e "PUC-Rio 70 anos" produzidos pelo Núcleo de Memória da PUC-Rio;
- Pesquisa no acervo *on-line* do CPDOC/FGV para a elaboração deste trabalho;
- Entrevistas sobre a experiência com a educação com minha colega Alanis Sant'Anna;
- Distribuição de cartazes impressos do 2º Concurso de Monografias nos departamentos, núcleos e institutos da PUC-Rio.
- No curso de Artes Cênicas, as seguintes disciplinas auxiliaram na constituição deste presente trabalho:

01- Tópicos Especiais - FIL 1261 – Discussão acerca da arte e estética teatral a partir do *Corpo sem Órgãos* de Artaud, do apolíneo e dionisíaco de Nietzsche e o diálogo entre os filósofos Platão e Aristóteles acerca da definição de arte e sua funcionalidade;

02- Lógica 1 - FIL 1304 – Introdução a conceitos fundamentais da Lógica (*Logos*) e seu uso;

03- Cultura Moderna e Contemporânea - ART 1420 – Compreensão do surgimento do sujeito moderno e sua formação a partir da percepção do *cogito* de Descartes, do dualismo platônico e da crise das identidades de Stuart Hall.

3.0 - Relato Substantivo

CORPO SEM ÓRGÃOS: ARTE COMO INSTRUMENTO DE CONSTRUÇÃO DO SUJEITO INTELECTUAL NA PUC-RIO

3.1. - Introdução

"Eu nem sempre gostei de estudar" é a frase que passa na minha cabeça quando eu reflito hoje sobre a minha relação com a educação. Conversando com pessoas próximas a mim sobre esse assunto, percebi que as experiências delas eram muito semelhantes às minhas. As reclamações sobre a forma que a educação é aplicada para os alunos quase sempre é a mesma; uma amiga minha, Alanis Sant'Anna, disse:

[o Ensino Médio] me desagradava bastante. O método de ensino que me aplicavam era bem tecnicista, não havia um conhecimento mais prático, eu não tinha noção de como aplicar no cotidiano. As aulas eram tradicionais e se baseavam nas provas e não em um conhecimento à longo prazo. Essa mentalidade toda me fez acreditar que só era necessário o estudo "de véspera" para passar na prova e depois esquecer o conteúdo. Não acredito que seja eficaz pois os alunos, imersos na pós-modernidade, já estão muito mais sedentos pelo ensino unido à tecnologia e ao conteúdo mais interativo. As aulas tradicionais não representam mais uma juventude cheia de ferramentas de inovação.[1]

Quando entrei no Ensino Médio - época que conheci Alanis - no Colégio e Curso Pensi -, uma instituição particular e de grande porte, eu considerava estudar um tormento, todo dia os professores passavam cada vez mais assuntos para estudar e no fim do mês o colégio aplicava prova de todas as disciplinas em uma semana. Eram cerca de 3 a 4 provas por dia e cada uma delas com 5 capítulos em média para estudar. Eu me sentia perdida, pois eu não acreditava que aprendia algo de fato, eu sentia que apenas decorava fatos para avaliações. Eu me lembro de fazer questionários com as minhas amigas, uma perguntava e a outra respondia

para ver se estava tudo decorado para as provas do dia. Basicamente, as melhores notas eram de quem tinha a melhor memória para decorar fatos históricos, características da geografia física do Brasil e todas as fórmulas de matemática.

Por conta disso, eu sempre me questioneei: "será que aprender é apenas isso? Memorização?". Apesar de gostar de aprender eu não tinha perspectiva que a educação poderia ser diferente pois a todo momento era um comentário de um professor lembrando que deveríamos ter boas notas, principalmente porque os vestibulares logo estariam se aproximando e nós precisávamos ser aprovados na universidade. Parecia que aprender uma informação nova a cada dia era apenas um meio de atingir um objetivo final desejado pelo colégio, pais e professores e nunca tratado como algo interessante. Apesar de alguns professores se esforçarem para mudar isso, trazendo empolgação para dentro de sala de aula e vida para as palavras que saíam dos livros, sempre havia uma cobrança por resultados quantitativos.

O meio para atingir esse resultado era sempre uma enorme romantização do sofrimento constante do aluno. Cotidianamente eu ouvia a clássica frase "treine enquanto eles dormem, estude enquanto eles se divertem, persista enquanto eles descansam e então conquiste o que eles sonham" e ela gerava em mim um desespero, pois eu nunca me sentia preparada o suficiente e ainda era induzida a me colocar sempre em comparação e competição com meus colegas. Diversas pessoas que conviveram comigo nessa época apresentavam cicatrizes dessa cobrança diária, alguns eu vi com ansiedade, outros sacrificando as poucas horas e momentos de descanso para ver vídeo-aulas ou refazer questões.

No meu terceiro ano do Ensino Médio, no final do ano letivo, fui selecionada para a Classe A, uma turma especial para os alunos que tinham melhor desempenho em cada área do saber - eu fui selecionada para a turma de Humanas - e sendo selecionada para essa turma eu passei a ter aulas aos domingos. Apesar de eu ter menos um dia de descanso era o dia de aula que eu mais gostava na semana. Era o único dia em que os professores pareciam dar aula acreditando realmente que todos que estavam ali obviamente seriam aprovados. O tratamento que eles davam para esses alunos considerados especiais, para mim, era estimulante; eles pareciam ver realmente mais do que vestibulandos, cada aula era repleta de vida, bate-papos e animação. Não era apenas mais um dia de resolução de questões.

Quando ingressei na PUC-Rio em 2019, no curso de Artes Cênicas, motivada por minha paixão pelas artes adquirida por fazer aulas de teatro desde 2012, os momentos que vivi na Classe A pareciam ser minha nova realidade. Conheci pessoas incríveis e passei a ter experiências completamente diferentes do que vivi anteriormente. Os assuntos estudados tinham mais profundidade e os professores que eu tive me instigavam a querer sempre aprender mais. Não era um estudo focado apenas em uma nota final, mas sim no meu desenvolvimento intelectual e pessoal. O estímulo para buscar novas ferramentas para o estudo foram essenciais para mim pois percebi que o ensino pode estar em qualquer lugar e não apenas em sala de aula. O uso de meios tecnológicos, por exemplo, duramente criticado durante o Ensino Médio, se tornou aliado e agora havia filmes, documentários, séries, livros digitais e outros meios para atingir o conhecimento.

O fato de eu ser estimulada a aprender coisas com as quais eu tinha afinidade fez com que estudar se tornasse uma atividade muito mais prazerosa no meu dia a dia. Eu passei a possuir liberdade, dentro das exigências universitárias, para escolher os assuntos que mais me agradavam e administrar minha divisão de tempo para a faculdade e minhas demais atividades. Essas características da PUC-Rio me permitiram estimular minhas competências e reconhecer de forma mais atenta minhas qualidades como estudante. Eu passei a perceber que estudar Artes Cênicas não era apenas estar em um palco, mas sim um processo no qual há uma soma de atividades e conhecimentos, ampliando minhas perspectivas e me fazendo desenvolver afinidades com cada vez mais assuntos.

Nesse sentido, repensando tudo o que se passou em meu Ensino Médio comigo e com as pessoas mais próximas a mim e a contraposição que esse período tem com minha atual vivência universitária, comecei a repensar toda a minha experiência nesse cenário. O mundo muda a cada dia, entretanto, a educação, apesar dos esforços de inúmeros colégios e universidades, muda efetivamente de forma mínima, principalmente quando falamos de colégios públicos que atravessam inúmeras dificuldades básicas diárias para suprir os interesses do indivíduo da atualidade. Com o intercâmbio cada vez maior entre pessoas e culturas, a ideia de uma educação que considera o aluno uma tábula rasa e o induz à absorção compulsória de informações se apresenta como restritiva, ultrapassada e ineficaz.

Stuart Hall [2], um sociólogo jamaicano-britânico, aponta em sua obra “A identidade cultural na pós-modernidade” uma mudança estrutural derivada das variações sociais geradas pelo maior intercâmbio cultural e da multiplicidade de pensamento que, de acordo com o autor, é responsável por transformar as sociedades modernas no final do século XX. O autor, posteriormente, indica que essas mudanças implicam também na transformação das identidades pessoais e observa nesse fenômeno uma ruptura da percepção que temos de nós mesmos como um sujeito integrado. A identidade humana se apresenta como resultado de relações múltiplas, aparentemente não coerentes, mas que nos levam a ter relações igualmente complexas e assistemáticas, por vezes acríicas, com os sistemas culturais que nos rodeiam. Hall exemplifica essa questão das identidades ao citar o caso americano de assédio sexual sofrido por Anita Hill, praticado pelo juiz Clarence Thomas, um homem negro e conservador, indicado à Suprema Corte em 1991 pelo então presidente dos Estados Unidos George H. W. Bush. O caso fez com que a sociedade americana ficasse polarizada pois, de acordo com Stuart Hall:

[...] alguns negros apoiaram Thomas, baseados na questão da raça; outros se opuseram a ele, tomando como base a questão sexual. As mulheres negras estavam divididas, dependendo de qual identidade prevalecia: sua identidade como negra ou sua identidade como mulher. Os homens negros também estavam divididos, dependendo de qual fator prevalecia: seu sexismo ou seu liberalismo. Os homens brancos estavam divididos, dependendo, não apenas de sua política, mas da forma como eles se identificavam com respeito ao racismo e ao sexismo. As mulheres conservadoras brancas apoiavam Thomas, não apenas com base em sua inclinação política, mas também por causa de sua oposição ao feminismo. As feministas brancas, que frequentemente tinham posições mais progressistas na questão da raça, se opunham a Thomas tendo como base a questão sexual. E, uma vez que o juiz Thomas era um membro da elite judiciária e Anita Hill, na época do alegado incidente, uma funcionária subalterna, estavam em jogo, nesses argumentos, também questões de classe social.

A questão da culpa ou da inocência do juiz Thomas não está em discussão aqui; o que está em discussão é o ‘jogo de identidades’ e suas consequências políticas.[3]

Com minha experiência como aluna de Artes Cênicas, ao ser apresentada de forma mais profunda ao pensamento artístico, em sala de aula, percebi que nele essa crise das identidades coloca em xeque a tradição e cede espaço para uma instabilidade que gera no ser humano um desejo pela novidade. O nascimento desse novo sujeito nos é apresentado sustentado pelo argumento do *cogito* de Descartes [4] que nos leva ao questionamento de tudo que está à nossa volta, inclusive da sociedade na qual estamos inseridos, em busca de um fundamento mais verdadeiro possível. Com isso, além da tradição, o próprio modelo de pensamento é colocado em instabilidade.

Nesse sentido, o ser humano passa a buscar novas formas de pensamento e de como atingir o conhecimento, que não seja apenas através do *Logos* (lógica). Classicamente, o *Logos* [5] representa a forma analítica de conhecimento caracterizada pela precisão e

legitimidade das conclusões e é responsável por sustentar grande parte do conhecimento que o ser humano construiu ao longo de sua história. Esse modelo, desenvolvido na Grécia Antiga, se apresenta, entretanto, como hipertrofiado atualmente pela supervalorização que teve ao longo dos séculos. Com isso, o *Logos* passa a dividir sua posição com outras duas formas de atingir o conhecimento e compreender o mundo, desenvolvidas também na Grécia Antiga: a *Poiesis* e a *Techné* [ou *tékhnē*]. A *Poiesis* [6], utilizada pelos atenienses, se mostra como uma forma de compreender o mundo através da arte, beleza e poética. Ela, em contraposição à concepção do dualismo platônico, acredita que a arte não se comporta como uma cópia representativa de uma essência perfeita que existe apenas no mundo das ideias e sim como uma libertação de um modelo capaz, inclusive, de governar a si própria. A arte não se preocupa em manter qualquer tipo de semelhança com a realidade podendo, assim, transitar por diversos mundos e concepções. Já a *Techné*, também utilizada na Grécia Antiga, se apresenta como terceira forma de atingir o conhecimento. Ela pode ser definida como "uma atividade interessada na solução dos problemas práticos, em servir de guia para os homens na sua luta para melhorar e aperfeiçoar a sobrevivência, na cura de doenças, na construção de instrumentos e edifícios e outros"[7].

Esses três modelos de atingir conhecimento se apresentam como opções distintas para ensinar e formar pensamentos. Cada forma de atingir o conhecimento direciona os seres humanos, através de seus afetos e projetos para determinadas atividades, visando a aproximação com estímulos específicos para o desenvolvimento de seus talentos e sua identidade. São modelos fluidos e flexíveis que, apesar de diferirem em certos aspectos e serem independentes, se entrelaçam para a formação e maior desenvolvimento intelectual do indivíduo.

No processo de formação do sujeito, a escola e a universidade podem ser tratadas como ambientes sociais propícios para o desenvolvimento da identidade e dos interesses particulares do indivíduo. Entretanto, a educação brasileira ainda insiste em uma "estrutura positivista dos conteúdos fragmentados, que não permite uma visão mais ampla da realidade" [8], segundo o prof. pe. Josafá Carlos de Siqueira S.J., atual reitor da PUC-Rio. Por isso, os jovens entram no Ensino Superior tendo "estudado de tudo um pouco, e esse pouco não é suficiente para motivar e criar uma consciência mais ampla dos desafios futuros" [9], característica advinda de um modelo responsável pela mecanização do saber. Logo, por não possuírem uma base sólida e profunda, os novos alunos universitários entram nesse novo universo acostumados a reprimir sua criatividade em um sistema hierárquico que os sufoca. Esse desfalque na liberdade intelectual é responsável por fazer com que os saberes particulares não sejam capazes de serem articulados para a formação de projetos em uma visão articulada das ciências. Nesse sentido, há uma impossibilidade do jovem da atualidade reconhecer suas vontades e sua própria identidade em um cenário que o bombardeia com informações sem que ele tenha a possibilidade de criar afinidades e desenvolver seu juízo.

Antonin Artaud, um artista francês do século XX, em meio a seus estudos acerca da arte e as críticas à sociedade em que vivia, apresenta o conceito do Corpo sem Órgãos [10] e, com ele, o autor expõe uma noção de ressignificação que pode ser traduzida também como uma ressignificação do pensamento. Ele se opõe à noção de hierarquia e ao dualismo platônico e nos apresenta um corpo que é também sensibilidade e que busca uma espontaneidade em detrimento de uma organização e sistematização, se libertando, assim, de determinismos e automatismos pré-estabelecidos socialmente. O Corpo sem Órgãos leva o caráter físico e material do corpo à linguagem e aos sentidos. Esses aspectos levam a uma negação de significados e requisita uma profundidade e flexibilidade no ato de pensar e na intelectualidade.

Apesar de estar envolvido com o universo artístico, Artaud expressa seu desgosto pela estrutura de ensino, redigindo uma carta endereçada aos reitores das universidades europeias.

Nela, o autor explicita que “é preciso encontrar a grande Lei do coração, a Lei que não seja uma lei, uma prisão, mas um guia para o Espírito perdido no seu próprio labirinto” [11]. Ele se mostra alinhado ao pensamento de que deve haver uma mudança na metodologia da educação e principalmente de como as informações são absorvidas e utilizadas. Afinal, de nada adianta um aglomerado de informações que não tem a capacidade de se conectar em pensamentos mais complexos produzindo uma dialética com aquilo que foi aprendido e sua própria intelectualidade.

Quando a educação é de fato eficaz, as informações são absorvidas de forma integral pelo aluno, ele é capaz não apenas de desenvolver uma conexão interna entre aquilo que foi aprendido, mas também relacionar o seu conhecimento com a realidade ao seu redor. Quando esse fenômeno acontece, o aprendizado se torna algo conectado com a identidade do indivíduo e aquilo que ele produz. Em "Memória, Identidade e Projeto", o antropólogo brasileiro Gilberto Velho relaciona esses três aspectos mencionados no título e explicita a identidade do indivíduo, formada a partir de suas memórias, como um elemento central para o desenvolvimento de criações do sujeito. O autor assinala que

[...] a consciência e valorização de uma individualidade singular, baseada em uma memória que dá consistência à biografia, é o que possibilita a formulação e condução de projetos. Portanto, se a memória permite uma visão retrospectiva mais ou menos organizada de uma trajetória e biografia, o projeto é a antecipação no futuro dessas trajetória e biografia, na medida em que busca, através do estabelecimento de objetivos e fins, a organização dos meios através dos quais esses poderão ser atingidos. A consistência do projeto depende, fundamentalmente, da memória que fornece os indicadores básicos de um passado que produziu as circunstâncias do presente, sem a consciência das quais seria impossível ter ou elaborar projetos.[12]

Nesse sentido, a educação, quando é estimulante, instiga no aluno a possibilidade de desenvolver a capacidade de, a partir de suas próprias competências e da relação orgânica entre suas memórias, identidades e projetos, produzir ideias e posteriormente gerar novos conhecimentos e pesquisas.

Nesta primeira etapa de minha pesquisa, eu busco compreender a forma na qual o ensino é utilizado no contexto universitário da PUC-Rio através do conceito do Corpo sem Órgãos e se a educação é potencialmente eficaz através da análise de textos produzidos nas circunstâncias de fundação das Faculdades Católicas do Rio de Janeiro, textos que se referem a propostas de reformas da educação da década de 1930 e 1940 e textos que influenciaram a produção artística do século XX a partir da perspectiva de Antonin Artaud.

3.2. - Educação no Brasil no século XX

No século XX, a estrutura do modelo educativo passou a ser criticado e questionado de forma mais incisiva. Na década de 1920 as tendências político-sociais e intelectuais passaram a discutir a questão pedagógica: a educação passou a ser tratada como veículo de modificação das estruturas sociais vigentes. Não havia, entretanto, um consenso sobre a necessidade de mudanças que era ressaltada e, para alguns, o modelo disciplinador e autoritário era necessário e a única forma de educar os jovens, predispondo, por exemplo, uma busca por Colégios Militares e escolas religiosas com disciplinas rígida. Diversas propostas visando reformas educacionais foram apresentadas no decorrer dessa década e, apesar da maioria ter sido descartada, duas se sobressaíram no Brasil: a Escola Nova e o modelo pedagógico proposto pela Igreja Católica, que disputavam não apenas uma estrutura educativa mas também a implantação de um modelo ideal de sociedade.

A Educação Nova, proposta no Brasil em 1932 através do Manifesto dos Pioneiros, contou com grandes nomes da educação como Anísio Teixeira, Cecília Meirelles, Noemy da Silveira e Fernando de Azevedo. Em sua proposta, os 25 educadores que assinaram o

manifesto se contrapõem explicitamente à educação tradicional, definindo-a como "um aparelho formal rígido, sem diferenciação regional, inteiramente desintegrada em relação ao meio social" [13]. Com isso, eles propõem um novo processo educativo que respeite as particularidades e natureza de cada indivíduo. As novas percepções apresentadas formam uma ruptura com os anacronismos do modelo tradicional e implicam em uma reflexão acerca daquilo que estaria a princípio errado com a pedagogia e o que poderia ser feito para melhorá-la.

Em meio a esse processo de criação de um novo modelo educativo, os escolanovistas apresentam ideias que projetam uma educação funcional, conectada com o meio social, igualitária e estimulante para o aluno. Em seu Manifesto, eles aplicam a concepção de que a educação deve conduzir o desenvolvimento humano de forma que ele atravessasse cada etapa do conhecimento de forma integral. Entretanto, para que isso ocorra, a educação deve ser capaz de se alimentar da vitalidade de cada período histórico para que ela, no processo de desenvolvimento de cada indivíduo, seja capaz de suprir as demandas de cada geração. O grupo defende um ensino na qual os alunos são os regentes da educação pois assim eles seriam responsáveis por ser o ponto de partida do processo educativo. De acordo com os escolanovistas,

a nova doutrina, que não considera a função educacional como uma função de superposição ou de acréscimo, segundo a qual o educando é 'modelado exteriormente' (escola tradicional), mas uma função complexa de ações e reações em que o espírito cresce de 'dentro para fora', substitui o mecanismo pela vida (atividade funcional) e transfere para a criança e para o respeito de sua personalidade o eixo da escola e o centro de gravidade do problema da educação.[14]

Os representantes da Escola Nova ainda pontuam algumas características que eles definem como vitais para que a função da educação seja cumprida de forma integral: laicidade, gratuidade, obrigatoriedade e coeducação. A primeira está relacionada à ideia de que o ambiente escolar deve estar acima de crenças religiosas, senão a escola iria desrespeitar a integridade e particularidades do processo educativo. A segunda se apresenta como uma garantia de igualdade pois torna a educação acessível a todos. A terceira representa a garantia de educação até que o jovem tenha uma idade conciliável com o trabalho produtivo. A última, se refere à igualdade intelectual para que a partir de uma educação comum todos estejam nivelados no processo educacional.

Paralelamente, a Igreja Católica também desenvolvia o seu modelo educacional. Com a Proclamação da República em 1889, e a conseqüente separação oficial entre Igreja e Estado, a Igreja começou a perder o seu *status* e poder de influência que outrora possuía no país. Com isso, os católicos, sentindo a necessidade de resgatar esse poder e representação, começaram a desenvolver instituições paralelas às estatais que incluíam hospitais, escolas e, posteriormente, a Universidade Católica.

As ideias católicas para a educação eram voltadas principalmente para a associação com a elite intelectual, pois havia a crença de que ela seria responsável por disseminar os ideais católico, e para isso foi criado por Jackson de Figueiredo o Centro Dom Vital, em 1922. A instituição tinha o objetivo de estabelecer uma ação católica para os acontecimentos daquele momento. Essa ação se pautava, principalmente, no pensamento tradicionalista e reacionário francês, expresso pelo movimento contrarrevolucionário *Action Française* e se sustentava na ideia de disseminar a doutrina cristã como um artifício de combate ao pluralismo político visando estabelecer uma unidade no Brasil. Entretanto, sob essas bases, o Centro Dom Vital se mostrou ineficaz, pois apesar de suas intensas tentativas, a esfera católica ainda era inexpressiva no contexto político [15].

Posteriormente, quando Alceu Amoroso Lima assumiu o Centro Dom Vital, em 1928, a instituição passou por expressivas mudanças, adaptando-se à nova realidade que o Brasil

atravessava naquele momento. Com Getúlio Vargas no poder pela primeira vez, a partir de 1934, a Igreja Católica tenta uma nova aproximação com o poder político através de Vargas e, por meio da mobilização da opinião pública, monta sua estratégia para rearticular-se na atuação político-social [16]. O caráter do movimento tomou novos rumos, afastando-o de uma política militante e partidária e incorporando à instituição ações voltadas para a educação de forma geral. O Centro Dom Vital passa a ter como finalidade o "desenvolvimento, através de meios intelectuais legítimos, de uma cultura católica superior em nosso meio"[17]. Logo, a instituição passou a agir como um grupo de estudos para a formação dessa cultura católica superior e passou a promover conferências sobre temas religiosos e humanistas. Dessa forma, o movimento católico passa a ter uma personalidade intelectual, manifestando um engajamento político que se enfatiza a partir de uma nova disposição cultural.

A Ação Católica Brasileira, fundada em 1935 por Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, o Cardeal Leme, com o objetivo de formar leigos para o fortalecimento da Igreja, começa a abordar de novas formas a temática educacional. O movimento desejava um ensino humanista e acreditava que a revolução espiritual era a base para a eficácia do sistema educacional pois, de acordo com os católicos, a única forma de resolver as questões econômicas e sociais seria que houvesse anteriormente uma reforma no interior do indivíduo.

Já em 1932 havia sido criado por Alceu Amoroso Lima o Instituto Católico de Estudos Superiores, que representa o prelúdio da futura Universidade Católica. Essa nova instituição se assemelhava genericamente ao Centro Dom Vital, entretanto, possuía certas especificidades pois tinha pretensões científicas expressas e o propósito de "atingir os alunos universitários visando sua ação complementar" [18]. De acordo com Tânia Salem, autora do texto "Do Centro D. Vital à Universidade Católica",

o Instituto Católico nasce, assim, como o *locus* no qual os católicos ensaiam e atualizam seu modelo alternativo de organização universitária e como um centro de irradiação doutrinária preparando, em ambos os sentidos, o terreno para a futura Universidade Católica.

A discussão sobre o modelo de universidade proposto pelos católicos - mais especificamente sua filosofia pedagógica e organizacional - remete para o diagnóstico por eles elaborado acerca do 'estado das ciências' e da própria universidade no mundo e no Brasil. O universo científico é visto como atravessando um momento de desordem e anarquia geral. Essa situação se expressaria tanto em uma crise de finalidade de cada disciplina (desenvolvimento científico para quê, com que fim) bem como no estado de anomia que caracterizava o modo específico de relacionamento entre os domínios científicos no mundo moderno. [19]

Apesar da Escola Nova e do modelo pedagógico proposto pela Igreja Católica conservarem aspectos divergentes, a aplicação dessas ideias no âmbito prático converge em alguns aspectos: ambas buscam a excelência na educação. No sentido prático, essa dupla tendência proposta pelos modelos apresentados possui crença na ideia de ressignificar a educação para que ela seja o mais adaptada possível à formação integral do aluno, mas divergem quanto a sua origem. A Escola Nova tem origem nas ideias desenvolvidas no século XIX na Europa e Estados Unidos, voltadas principalmente para assegurar ao aluno certas garantias para que o acesso à educação e o processo educativo fosse oferecido de forma mais ampla e eficaz. Em contraposição, os ideais católicos são uma tentativa da Igreja Católica reconquistar seus privilégios no Brasil a partir da ideia de que o Cristianismo deveria ser um elemento interligado à intelectualidade, pois ele seria responsável por "iluminar as regiões superiores da alma e projetar na inteligência os esplendores da verdade" [20]. Em sua essência, a distinção mais explícita se refere à questão religiosa, a Escola Nova acreditando que o ensino religioso seria responsável por ferir as particularidades do aluno e a Igreja

Católica acreditando que ele seria o combustível para a formação do indivíduo de forma integral.

3.3. – A Universidade Católica do Brasil

Como resultado da atuação do Centro Dom Vital e do Instituto Católico de Estudos Superiores, a Universidade Católica do Brasil germinou como uma instituição que auxiliava na cooptação e formação da elite intelectual. Em seu processo de criação, o Cardeal Leme confiou aos Jesuítas a responsabilidade de comandar a missão pedagógica e administrativa da nova Universidade Católica para o Brasil, sendo as figuras centrais desse processo Alceu Amoroso Lima e Padre Leonel Franca S.J. Segundo eles, a importância da criação de uma Universidade Católica era que o Cristianismo representava a verdade necessária ao homem, sendo capaz de direcionar o pensamento humano a partir das explicações acerca de quem somos, nossas origens, nossos destinos e a finalidade de nosso pensamento. A união entre os ideais católicos e o processo de construção intelectual do indivíduo seria a representação perfeita, pois ela seria capaz de formá-lo integralmente, suprimindo assim todas as suas necessidades. De acordo com o padre Leonel Franca S.J., que posteriormente veio a ser o primeiro reitor das Faculdades Católicas:

Universidade Católica! Como se casam bem as duas palavras! A universidade, esta pátria da ciência, esta depositária das mais elevadas tradições intelectuais de um povo, esta afirmação mais alta da cultura de uma nacionalidade, foi a Igreja Católica quem a criou. Criou-a, porque por sua iniciativa se associaram professores e alunos de todas as disciplinas do saber, na unidade de uma grande organização que fosse a Alma Mater de uma dinastia ininterrupta de sábios e o instrumento incansável de progresso da ciência.[21]

Sob a orientação de Leonel Franca, um padre da Companhia de Jesus, é inevitável que o método de ensino fosse, de certa forma, influenciado pelo método jesuíta, o *Ratio Studiorum*. Esse método foi proposto em 1599 e considerado o documento responsável por garantir a uniformidade de procedimentos na área da educação sob o contexto da formação dos primeiros colégios destinados ao acolhimento de potenciais jesuítas. Segundo Ana Maria Melo Negrão, em sua resenha acerca da obra "O método pedagógico dos jesuítas: o *Ratio Studiorum*",

o *Ratio Studiorum* preceitua a formação intelectual clássica estreitamente vinculada à formação moral embasada nas virtudes evangélicas, nos bons costumes e hábitos saudáveis, explicitando detalhadamente as modalidades curriculares; o processo de admissão, acompanhamento do progresso e a promoção dos alunos; métodos de ensino e de aprendizagem; condutas e posturas respeitadas dos professores e alunos; os textos indicados a estudo; a variedade dos exercícios e atividades escolares; a frequência e seriedade dos exercícios religiosos; a hierarquia organizacional; as subordinações...[...] O apuradíssimo estudo do latim privilegiava leituras de autores clássicos, manejo das normas gramaticais e auxiliava no domínio das línguas pátrias, que, gradativamente, iam se inserindo no currículo. Integralizavam os trabalhos em aula exercícios complementares, teatro, discursos, declamações, academias, pregações no refeitório, premiações..., trilhando o ensino a dimensão humanístico-tradicional, em que a inteligência considerada produto da criação divina deveria desenvolver-se pelos ditames da Fé.[22]

A influência Jesuítica no processo de formação do ensino se deu a partir das ideias defendidas pela Companhia de Jesus. O ensino religioso era incentivado pois os jesuítas tinham a Teologia, em uma hierarquia dos saberes, como a soberana de todas as ciências. Entretanto, apesar de considerarem essa relação entre as ciências como uma hierarquia, eles

também tinham a percepção da importância da interrelação entre elas. Por isso, a partir dos exercícios complementares – atividades fora de sala de aula que complementavam e ampliavam o que era ensinado –, a integração dos saberes se configurou como um forte elemento presente na PUC-Rio. Além disso, a Companhia de Jesus é adepta à prática da inculturação, um exercício caracterizado pela "íntima transformação dos autênticos valores culturais pela integração do cristianismo nas diversas culturas humanas" [23]. Essa prática remete a um caráter não apenas de diálogo interreligioso e cultural, mas também a uma prática intelectual pois ela permite a formação de um indivíduo capaz de se colocar em diálogo entre as diferentes formas de pensamento, estimulando o processo dialético.

A Universidade Católica do Brasil se funda a partir da multiplicidade de pensamentos, o que faz com que a instituição seja aberta à manifestação das mais diversas formas de intelectualidade. Configura-se uma nova geração de intelectuais que apresentam novos modelos de pensamento nos quais o conhecimento e a experiência se entrelaçam, permitindo que o meio acadêmico não seja estruturado apenas na dimensão objetiva do mundo, mas também capaz de evocar o caráter afetivo e qualitativo da educação. Tanto o conhecimento quanto a experiência são caracteres inseparáveis que, quando unidos, trabalham com a forma, responsável por trazer à educação uma estrutura harmônica necessária para que o indivíduo possa receber informações e a matéria, uma essência responsável por criar o afeto entre o indivíduo e aquilo que é aprendido¹ [24]. Com isso, o aluno se capacita a desenvolver relações com o mundo e cada vez mais a sua identidade.

A Universidade Católica se desenvolve sob o caráter pioneiro enraizado em sua história. A instituição tem a marca de estabelecer projetos que visam sempre seu aperfeiçoamento e o oferecimento de melhores condições de estudo para os seus alunos como o desenvolvimento dos Programas de Pós-Graduação a partir de 1963 [25] e da instalação do primeiro computador em uma universidade da América do Sul, o Burroughs B-205, em 1960 [26]. Ambos representam de forma ilustrativa o pioneirismo da Universidade pois a Pós-Graduação na PUC-Rio representa "uma contribuição para a formação de recursos humanos qualificados, tanto para atuação dentro da academia quanto fora dela" [27] e o Burroughs B-205 deu início a computação acadêmica no Brasil. Com essas características, a Universidade manifesta, de acordo com o atual reitor, a temática da inovação como um caráter antigo e atual pois "revela a abertura da instituição para o novo, o desconhecido, o desafiador e o diferente, rompendo muitas vezes com a rotina da mesmice e dando espaço à criatividade"[28].

A PUC-Rio se mostra como uma universidade que sabe se reapropriar de valores do passado, sendo capaz de trazê-los sempre com novas características que são condizentes com o momento histórico na qual está inserida. Esse caráter presente na Universidade, remete a uma instituição que se propõe a reinventar-se e buscar, de forma criativa e engajada social e politicamente, a inovação. Com isso, pode-se dizer que a PUC-Rio se apresenta como um espaço "onde o tradicional e o inovador caminham juntos com tolerância e respeito"[29].

3.4. - Artaud: entre arte e intelectualidade

A arte, desde a Grécia Antiga, é um elemento de intenso debate na perspectiva filosófica. Enquanto alguns, como o filósofo Aristóteles [30], admitem a arte como um elemento capaz de capturar as impossibilidades e as inverossimilhanças do mundo em uma concepção que se limita à arte apolínea, que era responsável por trazer as representações do belo a partir da ordem, simetria e prazer imediato após a contemplação da obra, outros como o filósofo Platão [31], acreditam que a arte é um elemento nocivo ao ser humano, pois além de

¹ A ideia de matéria e forma advém da teoria das quatro causas de Aristóteles. Segundo o filósofo, a matéria se refere à composição de um objeto no mundo (essência/alma) e a forma se refere à forma física e conceitual que o define estruturalmente (corpo).

não produzir conhecimento ela também era habitante da mentira por não possuir relação com a realidade. Apesar de Aristóteles ter sido aluno de Platão, é inegável que entre os dois há uma diferença de concepções que é responsável por enriquecer o debate sobre o que é arte e qual a sua posição no mundo em que vivemos.

Como elemento central do conflito, a manifestação artística se apresenta ao ser humano e se relaciona com ele de diversas formas. Conforme Nietzsche [32], ela pode ser dividida entre Apolínea e Dionisíaca². A primeira se refere a um formato artístico que preza pela forma e pelo belo e pode ser encontrada facilmente em obras clássicas sob o pretexto de que a beleza contida nelas seria capaz de elevar o ser humano e seu intelecto a outros níveis através da contemplação. A segunda se refere a uma forma artística sublime na qual a matéria de trabalho é responsável por evocar sensações que escapam do belo e entram no espaço da essência da obra e de como aquilo é capaz de afetar a subjetividade humana, trazendo à tona sentimentos das mais diversas naturezas. Indiferentemente de qual classificação a arte possa receber, ela se apresenta ao mundo como um elemento não utilitário e sim como um elemento relacional, capaz de remeter ao ser humanos efeitos imprevisíveis.

Entretanto, apesar da arte colocar suas diversas formas de manifestação em posição de igualdade, a preferência por manifestações do Apolíneo sempre foi uma realidade, a ideia contemplativa do belo e seu caráter objetivo são capazes de trazer mais conforto do que a instabilidade e o caos proposto pelo Dionisíaco. Apenas quando a arte se libertou dos conceitos impostos pelas academias artísticas, aproximadamente no século XIX com o advento do Impressionismo e da menor preocupação com a forma, ela passou a resgatar o Dionisíaco de forma mais expressiva. Com isso, há uma libertação da arte das regras até então tidas como o que era o correto para a criação de uma obra e o desenvolvimento de novos conceitos que apesar de possuírem certas ligações com o tradicional, ao mesmo tempo se desprende dele indo atrás de novidades.

Antonin Artaud, por exemplo, se debruça sobre uma arte, mais especificamente sobre um teatro que se afasta de uma noção de arte para entretenimento, contrapondo-se a uma mecanização do psicológico e identidade humana, e busca formas de desenvolver um modelo que seja capaz de alcançar no espectador sua sensibilidade e causar uma inquietude em suas faculdades, rompendo com a inércia e incentivando a manifestação dos desejos e ideias. Nesse contexto, o autor desenvolve o conceito de Corpo sem Órgãos (CsO) e apresenta-o na peça radiofônica "Como acabar com o julgamento de Deus" que, apesar de ter sido gravada em 1948, foi censurada por Wladimir Porché, diretor da rádio francesa que iria transmiti-la ao público, fazendo com que a peça fosse apresentada apenas duas vezes a um grupo seletivo de intelectuais que desejavam conhecê-la. O Corpo sem Órgãos reivindica um corpo fluido e pleno, que visa à transformação do corpo em profundidade e que o ressignifica de forma que ele seja anarquizado e suas relações de organização sejam transformadas em algo orgânico e espontâneo.

Colocando-o de novo, pela última vez, na mesa de autópsia para refazer sua anatomia.

O homem é enfermo porque é mal construído.

Temos que nos decidir a desnudá-lo para raspar esse animalúnculo que o corrói mortalmente,

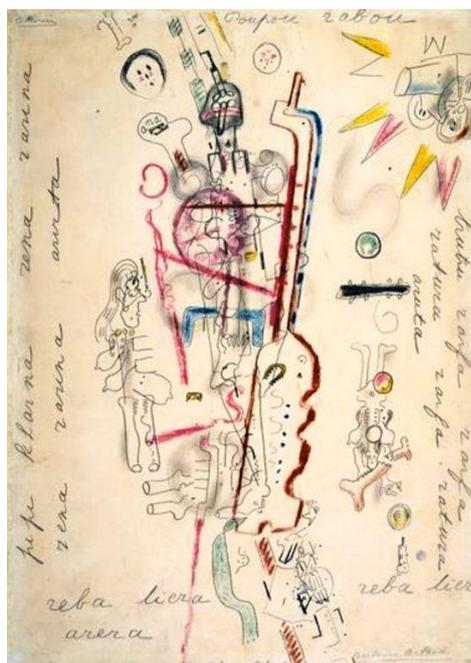
deus
e juntamente com deus
os seus órgãos

² Os termos Apolíneo e Dionisíaco são citados por Nietzsche em "O nascimento da tragédia". O autor utiliza esses termos para classificar a arte baseado no antagonismo dos deuses gregos Apolo, Deus Sol recorrentemente associado a beleza, e Dioniso, Deus do Vinho e do Teatro, recorrentemente associado à desmedida.

Se quiserem, podem meter-me numa camisa de força
mas não existe coisa mais inútil que um órgão.

Quando tiverem conseguido um corpo sem órgãos,
então o terão libertado dos seus automatismos
e devolvido sua verdadeira liberdade
Então poderão ensiná-lo a dançar às avessas
como no delírio dos bailes populares
e esse avesso será
seu verdadeiro lugar.[33]

O autor, ao longo de suas obras, sempre propôs um caráter físico para seus trabalhos. Ao invés dele trabalhar em um campo abstrato, se aprofundou em uma abstração dentro do meio corpóreo e é nisso que se funda o Corpo sem Órgãos. Como parte de seu trabalho como artista, Artaud materializa seus escritos em desenhos que se interligam à suas palavras, conectando a palavra ao seu caráter físico [34]. Seus desenhos em relação ao corpo expressam formas humanas desfiguradas a partir de um tom questionador que auxiliavam ao autor compreender aquilo que ele escrevia. O Corpo sem Órgãos a partir do desenho visa esse corpo



que se refaz, capaz de deformar-se e reconstruir-se. [35]. A Figura 1, feita por Artaud em dezembro 1945, durante sua estadia em um manicômio em Rodez, foi nomeada *Poupou Rabou* e, segundo a pesquisadora Gerlúzia de Oliveira Azevedo, ela "mostra um processo de destruição que se desdobra de uma forma dramática numa apresentação de um espaço gráfico composto por estágios sucessivos os quais fazem parte do corpo humano." [36]

Figura 1 - *Poupou Rabou*. Autor: Antonin Artaud. 12/1945. Grafite e giz de cera. 45cm x 60cm. Coleção Privada.

A definição mais simplificada que podemos ter de CsO é ressignificação: quando Artaud fala sobre a noção de corpo e dos órgãos, ele resgata a unidade mais básica de organização que o ser humano conhece. De acordo com Bichat, anatomista e fisiologista francês do século XVIII, o órgão é um elemento funcional presente no corpo humano e responsável unicamente por evitar a morte do indivíduo. Nesse sentido, Artaud questiona a definição de corpo estritamente funcional e busca ressignificá-lo, atribuindo a ele algo que fuja do caráter da funcionalidade em prol de algo que remete a experiências transformadoras e

singulares. O corpo em Artaud, segundo a psicóloga Carmela de Lima Tubino em sua dissertação de Mestrado, representa o

corpo esburacado habitado por uma linguagem voltada aos sentidos, permeada pela palavra anterior às palavras articuladas, uma linguagem que permite o improviso e as insuficiências, os vazios e as hecatombes. O corpo esburacado, sem órgãos parece dar a Artaud existência, fora dos julgamentos de deus. [...] O buraco que atribui vida, o furo que liberta... Nesse sentido, inclino-me novamente a pensar o pulsional na obra de Artaud, em sua tessitura, a partir de uma linguagem que acolhe lalange... Uma pá lavra fora dos eixos. [37]

O Corpo sem Órgãos se manifesta como um conceito que só pode ser compreendido com a prática, pois "é um corpo livre da interpretação e do juízo que nos impedem novos modos de vida e organizam os corpos. O CsO não se opõe aos órgãos do corpo, mas sim ao corpo organismo enquanto organização orgânica dos órgãos"[38]. A manifestação do CsO consegue se apresentar em vários âmbitos da vida, sendo uma prática de percepção, identificação e transformação. Entretanto, esse processo é fractal³, apesar das tentativas, é impossível chegar a um corpo plenamente sem órgãos pois sempre há juízos a serem rompidos e ressignificações a serem feitas. Porém, o que realmente importa no CsO proposto por Artaud é o processo e não o resultado final.

Tradicionalmente, o Corpo sem Órgãos possui uma manifestação mais expressiva no âmbito artístico. No ambiente cênico, o CsO é aplicado como um espaço de experimentação física e psicológica, ele permite adentrar em algo que está além do juízo que faz com que os movimentos estejam além daquilo que nosso corpo manifesta no nosso cotidiano. Nesse sentido, a absorção e manifestação do personagem se dá a partir de uma liberdade e uma sensação de imanência que o orgânico naturalmente limita.

Entretanto, sua ideia pode se manifestar nos mais diversos aspectos sociais existentes. Na educação, por exemplo, o CsO é a manifestação de uma maneira de encarar o ensino de forma que o aluno se liberte de automatismos propostos pelos anacronismos do ensino tradicional e seja incentivado a reconhecer conhecimento no seu cotidiano, esteja ele dentro ou fora do ambiente acadêmico. Artaud expõe em uma de suas obras a sua preocupação com a educação em uma carta que ele redigiu endereçada às universidades europeias. Nela, o autor critica duramente a forma na qual o ensino está estruturado e acredita que o verdadeiro conhecimento está além do que a ciência pode alcançar. Artaud dá um grande valor a criações espontâneas e acredita que seja depreciativo a canalização da inteligência em prol apenas da conquista de diplomas.

Apesar de não possuírem ligação direta, Artaud pode ser aproximado com aquilo que foi estabelecido estruturalmente pelos ideais que constituem a Pontifícia Universidade Católica. Apesar de não se referir a uma espiritualidade no sentido religioso ou a uma identidade transcendente, Artaud fala de uma imanência e de um espírito em liberdade que seria responsável por mover o indivíduo e retirá-lo da inércia. É possível visualizar os valores de Artaud de forma análoga aos valores da Universidade Católica, por exemplo, expressados pelo pe. Josafá Carlos de Siqueira S.J., atual reitor da PUC-Rio:

[...] a liberdade é a possibilidade de tudo perguntar, de dizer tudo quanto na luta pela verdade parecer merecedor de ser perguntado e pensado. Hoje fazemos essa experiência, pois o excesso de burocracia interna e externa, muitas vezes, nos impede de deixar que o espírito se abra para uma reflexão e criatividade em profundidade. [39]

³ O termo fractal pertence a geometria não clássica e se refere a uma figura em que suas partes separadas repetem auto similaridades com traços de um todo de forma infinita. O caráter fractal do Corpo sem Órgãos se dá a partir de uma extensão do ser humano na qual processos de transformação e criação do CsO em cada indivíduo são infinitos pois, segundo Artaud, é impossível alcançar um corpo plenamente sem órgãos.

3.5. - Arte e Intelectualidade na formação universitária

Com a ruptura que o século XX trouxe com os tradicionalismos da academia, seja ela universitária [40] ou artística, desenvolveu-se uma necessidade de ressignificar os cânones que existiam até então. Apresentou-se uma revolução em paralelo no mundo da educação e no mundo artístico.

Artaud, em seu processo de criação do Corpo sem Órgãos, se mostra adepto à ideia de criar um novo modelo capaz de abarcar as particularidades dos artistas, de forma que eles conseguissem desenvolver projetos a partir de suas identidades e instigar ao público a desejar uma libertação de seus automatismos. O autor cita, especificamente, o caso do teatro, clamando por uma arte que fosse mais do que uma simples submissão dos artistas ao cânone e do público aos artistas. Enquanto isso, no ambiente da educação no Brasil, a Ação Católica, na estruturação da Universidade Católica do Brasil, se mostra adepta à ideia de que era necessário um ensino humanista, que trouxesse à tona o desenvolvimento de um espírito que direcionasse o aluno a uma educação que tivesse uma integração entre as ciências e o ensino religioso, pois apenas uma reforma no interior do indivíduo seria capaz de fazer com que o aluno se desenvolvesse intelectualmente de forma integral. Nesse sentido, as ideias de Artaud se aplicam no âmbito universitário de forma que a posição de artistas é ocupada pelos professores buscando desenvolver novas formas de passar seu conhecimento aos alunos, que são representados pelo público que, por sua vez, absorvem de forma ativa as informações que lhes são passadas, sendo capazes de compreender aquilo que é aprendido de forma crítica e desenvolver seus próprios pensamentos. A universidade assume um modelo em que a educação se apresenta como um fluxo, na qual os alunos e professores representam papéis igualmente importantes no processo de ensino.

No ambiente universitário, a prática do Corpo sem Órgãos se apresenta como combustível, impulsionando de forma instintiva ao aluno se libertar da inércia diária e do constante argumento de um estudo voltado unicamente para o mercado de trabalho, assegurando o desenvolvimento espontâneo e imprevisível do indivíduo. Sua prática no cotidiano universitário da PUC-Rio se dá a partir de sutilezas que acontecem em salas de aula, nas conversas entre alunos, no contato com estudantes intercambistas e no estímulo a frequentar aulas que não pertencem ao nosso curso. Podemos questionar se esse caráter deriva da influência dos jesuítas e sua prática da inculturação no desenvolvimento estrutural da universidade que, em um ambiente universitário, estimula o desdobramento da intelectualidade necessariamente em diálogo, pois a educação e o conhecimento têm um fluxo bidirecional e não uma unilateralidade. O atual reitor da PUC-Rio expressa, a importância do diálogo, ao apresentar seus desejos em relação à Universidade:

que saibamos conviver, dialogar e ouvir a riqueza que cada um de nós carrega em nossa vida, aproveitando a diversidade de ideais e opiniões que estão presentes no meio acadêmico desta instituição, da qual temos orgulho de pertencer e contribuir com a sua história.[41]

A Universidade coloca os alunos como co-protagonistas de seu processo educativo e, apesar da instituição definir aquilo que é necessário para a conclusão do curso, ela se coloca em conjunto com o aluno para inseri-lo em atividades e matérias que são complementares à sua formação, são oferecidas diversas oportunidades de aprender coisas novas e de se colocar em contato com o outro. A Igreja do Sagrado Coração de Jesus, localizada no centro da PUC-Rio e cercada pelo verde do campus, por exemplo, oferece aos alunos, através da Pastoral Universitária Anchieta, cursos, seminários e trabalhos voluntários a cada semestre. O Projeto de Vida, por exemplo, no qual participei em 2019.1, apresenta através de atividades lúdicas os Direitos Humanos e o Pluralismo Religioso e Cultural aos alunos. A cada encontro éramos estimulados a estar em contato com o outro e apresentar nossos conhecimentos de forma que pudessemos criar afinidades com os assuntos abordados. Dentre as atividades tivemos júri

simulado, apresentações de teatro, criação de jogos e debates, que auxiliavam no aprendizado, pois não havia uma pressão para que soubéssemos tudo sobre aquilo que estava sendo discutido, mas sim uma necessidade de construir conhecimento com a nossa percepção em contraste com os conceitos e as percepções de outras pessoas.

Dessa forma, é possível perceber que o modelo de conhecimento baseado no *Logos* perde seu caráter dominante em uma desconstrução da ideia de que há uma forma única de ensinar e aprender, sendo colocado em igualdade com a *Poiesis* e a *Techné*, possibilitando que a valorização das ciências e das múltiplas formas de chegar até o conhecimento seja feita de forma proporcional e enfraquecendo uma ideia de hierarquia.

4.0. - Conclusão

Stephen Hawking, em sua obra "Uma Breve História do Tempo"[42], define que uma teoria científica é marcada como uma apresentação de um modelo de universo observado sempre de forma restrita, pois se ela é caracterizada pela confiabilidade de suas previsões, quando é observado algo, em determinado experimento, que contrapõe-se à teoria original, é necessário sempre ou abandoná-la ou modificá-la. A educação pode ser concebida de modo semelhante, pois apesar de haver uma certa confiabilidade naquilo que anteriormente deu certo, não se pode prever que os resultados serão sempre os mesmos, pois as relações, assim como o universo, contrapõe-se a certezas e o que temos como verdade hoje pode mudar a qualquer momento. Nesse sentido, se o modelo de ensino se mantém anacrônico, ele não será capaz de suprir as necessidades do estudante moderno.

Encarar a educação e tentar melhorá-la é uma tarefa difícil, pois para isso é necessário haver, dentre outras questões, uma compreensão acerca da forma como o mundo está estruturado em um determinado período e como tornar as informações acessíveis aos alunos de forma que eles participem ativamente do processo de aprendizagem, evitando a aplicação de elementos anacrônicos. Com isso, há um trabalho não apenas formal de determinação de um método e sua aplicação, mas também todo um processo que estude as diversas nuances, sejam elas de cunho psicológico ou social para que a educação seja de fato eficaz. Torna-se necessário a abertura para perceber a realidade e a pedagogia de novas maneiras, produzindo novas formas de aplicar o ensino.

A forma de encarar a realidade apresentada por Artaud, baseia-se na arte e nas experiências que ele teve em vida e que formaram sua identidade. No desenvolvimento do Corpo sem Órgãos, o autor propõe repensar aquilo que temos como certezas, resignificando o que chega até nós e a composição de uma forma de se libertar dos automatismos do cotidiano, inclusive no meio acadêmico. Enquanto o Ensino Médio ainda se prende, em geral, à mecanização do ensino, a metodologia do ensino inserida no contexto universitário da PUC-Rio parece respirar novos ares, permitindo que o estudante aprenda a partir de práticas responsáveis por estimular reconhecimento e desenvolvimento das particularidades do aluno, sendo capaz de atender às suas necessidades mais básicas. Com esse modelo de ensino personalizável, o aluno possui liberdade para aprender assuntos não apenas relacionados especificamente à sua área de atuação, mas também a outros assuntos de seu interesse, de forma integradora, considerando as divergências de pensamento como uma riqueza formadora de pensamento crítico. Na PUC-Rio, por exemplo, a ideia de interdisciplinaridade é um aspecto de forte influência em sua estrutura curricular.

É perceptível que a educação nunca será perfeita, sempre haverá falhas que a incapacitam de atender de forma integral as necessidades de seus alunos. Entretanto, o reconhecimento e a aceitação dessas falhas são significativos para que a educação esteja com as portas abertas para as possibilidades de mudanças, representando os primeiros passos em direção a sua melhoria. Em conjunto, educadores, intelectuais e alunos, são capazes de repensar e resignificar certezas em direção ao que é capaz de atender melhor às necessidades

de cada geração em uma dialética entre o tradicional e a inovação, acompanhando cada período histórico de forma única. Nesse sentido, assim como o esquecimento é necessário para a memória, as mudanças também são necessárias para garantia de que a educação irá manter as aquilo que é essencial e deixar para trás aquilo que não faz mais sentido manter no presente. Por ora, este trabalho ainda se mostra insuficiente em saciar minha curiosidade e desejo por compreender melhor a arte. Creio que a universidade é um palco para o estímulo da criatividade e um espaço para desenvolvimento da cultura e manifestação artística, por isso gostaria de prosseguir minha pesquisa visando esclarecer:

01 – As formas na qual a arte pode se manifestar no interior e exterior do contexto acadêmico da PUC-Rio de forma mais ampla;

02 – Uma visão epistêmica da arte, buscando outras referências que fazem parte do universo artístico;

03 – Compreensão das experimentações artísticas, principalmente cênicas, que ocorrem dentro do campus da PUC-Rio.

5.0. - Referências

[1] SANT'ANNA, Alanis. **[Entrevista sobre a experiências com a educação]**. WhatsApp. 19 mai. 2020. 20:41. 2 mensagens WhatsApp.

[2] HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro -11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 18-20.

[3] Ibid.

[4] SILVA, João Andre Fernandes da. **As provas da existência de Deus nas meditações metafísicas de René Descartes**. 2004. 65 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p. 22. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=6393@1>>. Acesso em 22 jul. 2020.

[5] MACIEL, Willyans. **Logos**. Infoescola: navegando e aprendendo. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/filosofia/logos/>>. Acesso em 22 jul. 2020.

[6] CASTRO, Manuel Antônio de. Apresentação. In: Manuel Antônio de Castro (Org.). **Arte: corpo, mundo e terra**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. p. 12. Disponível em: <<http://www.dicpoetica.letas.ufrj.br/index.php/Po%C3%ADesis>>. Acesso em: 22 jul. 2020.

[7] OLIVEIRA, E. A. A TÉCNICA, A TECHNÉ E A TECNOLOGIA. **Itinerarius Reflectionis**, Jataí, v. 4, n. 2, 11. p. 4.

[8] SIQUEIRA, Josafá Carlos de. **Reflexões do mundo universitário**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2018. p. 42

[9] Ibid.

[10] WEILLER, Claudio. **Escritos de Antonin Artaud**. Coleção Rebeldes e Malditos v.5. Porto Alegre: L&PM Editores Ltda, 1983.

[11] Ibid. p. 28.

[12] VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. In: **Projeto e metamorfose**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. p. 101.

[13] AZEVEDO, Fernando [et al]. Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, 1932. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. especial, ago. 2006. Disponível em < http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/doc1_22e.pdf >. Acesso em 30 jun. 2020.

[14] Ibid.

[15] SALEM, Tânia. Do Centro Dom Vital à Universidade Católica. In: SCHWARTZMAN, Simon (Org.). **Universidades e Instituições Científicas no Rio de Janeiro**. Brasília: CNPq, 1982. p. 6-7.

- [16] MENDONÇA, Carlos Vinicius Costa de; PEREIRA, Maria Rita de Cassia Sales; RODRIGUES, Pablo de Andrade; LOSS, Bruno Zottele. Luz, escuridão e penumbra: o Governo Vargas e a Igreja Católica. **Dimensões**, Espírito Santo, v. 26, dez. 2011, no.27, p.281-282. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2594/2090>>. Acesso em 10 jul. 2020.
- [17] SALEM, Tânia, op. cit.
- [18] Ibid.
- [19] Ibid.
- [20] FRANCA, Leonel. **Alocuções e Artigos**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1954. p. 396
- [21] Ibid. p. 127.
- [22] NEGRÃO, Ana Maria Melo. O método pedagógico dos jesuítas: o "Ratio Studiorum". **Revista Brasileira da Educação**, Rio de Janeiro, ago. 2000, no.14, p.154-157. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782000000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 30 jun. 2020.
- [23] Inculturação e evangelização das culturas. **Revista Arautos do Evangelho**, São Paulo, fev. 2002, n. 2, p. 5-7. Disponível em: <<https://www.arautos.org/secoes/artigos/arte-e-cultura/historia-da-igreja/inculturacao-e-evangelizacao-das-culturas-140647>>. Acesso em 04 jun. 2020.
- [24] PORFÍRIO, Francisco. Metafísica de Aristóteles. **Mundo Educação**. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/filosofia/metafisica.htm>>. Acesso em 23 de jul. 2020.
- [25] MACEDO, Arthur; PERNET, Hugo. Pioneirismo Acadêmico. **CETUC: Centro de Estudos em Telecomunicações**, dez. 2013. Disponível em: <<http://www.cetuc.puc-rio.br/index.php/blog/41-pioneirismo-academico.html>>. Acesso em: 16 de jul. 2020.
- [26] NEVES, Margarida de Souza; BYINGTON, Silvia Ilg; STAA, Arndt von. **The B-205 at PUC-Rio**. History of the first computer to operate in a Brazilian university. Rio de Janeiro: Núcleo de Memória, 2012. p.1-10. Disponível em: <<http://nucleodememoria.vrac.puc-rio.br/sites/default/files/documentos/producao-nucleo/artigos/b-205-puc-rio.history-first-computer-operate-brazilian-university.17106.pdf>>. Acesso em 16 jul. 2020.
- [27] BERGMANN, José Ricardo. **Pioneirismo Acadêmico**. Entrevista cedida ao CETUC: Centro de Estudos em Telecomunicações, Rio de Janeiro, PUC-Rio, dez. 2013. Disponível em: <<http://www.cetuc.puc-rio.br/index.php/blog/41-pioneirismo-academico.html>>. Acesso em: 16 jul. 2020.
- [28] SIQUEIRA, Josafá Carlos de, op. cit., p. 120.
- [29] Ibid. p. 48.
- [30] CABRAL, João Francisco Pereira. A estética na filosofia de Platão e Aristóteles. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/a-estetica-na-filosofia-platao-aristoteles.htm>. Acesso em 23 jul. 2020.
- [31] REALE, Giovanni. **História da Filosofia Antiga II - Platão e Aristóteles**. Tradução Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. V. 2. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- [32] NIETZSCHE, Friedrich. **O Nascimento da tragédia**. Tradução J. Guinsburg. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- [33] WEILLER, Claudio. **Escritos de Antonin Artaud**. Coleção Rebeldes e Malditos v. 5. Porto Alegre: L&PM Editores, 1983. p.161-162.
- [34] AZEVEDO, Gerlúzia de Oliveira. **Antonin Artaud: a crueldade pelos desenhos e autorretratos**. 2014. 159 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014. p. 96-97. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/13832/1/AntoninArtaudCrueldade_Azevedo_2013.pdf>. Acesso em 11 jul. 2020.

- [35] TUBINO, Carmela de Lima. **Antes de tudo é somente voz:** escrituras do grito em Antonin Artaud. 2017. 124 f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise: Clínica e Cultura) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. p. 63. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/165487/001045899.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 11 de jul. 2020.
- [36] AZEVEDO, Gerlúzia de Oliveira, op. cit., p.120.
- [37] TUBINO, Carmela de Lima, op. cit.
- [38] RESENDE, Catarina. A escrita de um corpo sem órgãos. **Fractal, Rev. Psicol.** [online]. 2008, vol. 20, n. 1, p. 68. Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198402922008000100010&lng=en&nrm=iso&tlng=pt >. Acesso em 16 jul. 2020.
- [39] SIQUEIRA, Josafá Carlos de, op. cit., p. 19,
- [40] AZEVEDO, Fernando [et al], op.cit.
- [41] SIQUEIRA, Josafá Carlos de, op. cit., p. 48.
- [42] HAWKING, Steven W. **Uma Breve História do Tempo:** do Big Bang aos Buracos Negros. Tradução Vera de Paula Assis. Rio de Janeiro: PocketOuro, 2008.